

FLrede
FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL

Ignéz Mariz

120 anos de uma voz represada

GUIA DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



GOVERNO
DA PARAÍBA

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO
DA PARAÍBA**

Ígnez Mariz

120 anos de uma voz represada

GUIA DE
ORIENTAÇÕES
PEDAGÓGICAS

SUMÁRIO

EXPEDIENTE	5
ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS: IGNEZ MARIZ EM SALA DE AULA	6
QUEM FOI IGNEZ MARIZ?	7
PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE A VIDA E OBRA DA ARTISTA.....	13
QUAL É A RELEVÂNCIA DE IGNEZ MARIZ?.....	13
POR QUE A OBRA DE IGNEZ MARIZ FICOU POR TANTO TEMPO DESCONHECIDA DO GRANDE PÚBLICO?	14
MAS SE ELA SÓ ESCREVEU UMA OBRA, POR QUE DEVE SER TÃO CELEBRADA?	14
TRABALHANDO UM “OUTRO OLHAR” NA OBRA DE IGNEZ MARIZ	15
COMO ENTÃO PODEMOS TRABALHAR AS MÚLTIPLAS FACETAS DA OBRA DE IGNEZ MARIZ EM NOSSA PRODUÇÃO?.....	15
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	20
PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	27
DATAS IMPORTANTES.....	32
OUTRAS DICAS.....	38
ARTES QUE DIALOGAM COM A LITERATURA DE IGNEZ MARIZ	39
ARTES PLÁSTICAS.....	39
MÚSICA.....	43
AUDIOVISUAL	44
TEATRO E DANÇA	45
LOCAIS INDICADOS PARA VISITA.....	46
REFERÊNCIAS	49

EXPEDIENTE

João Azevêdo Lins Filho
Governador

Lucas Ribeiro Novais de Araújo
Vice-governador

José Wilson Santiano Filho
Secretário de Estado da Educação (SEE)

José Edilson de Amorim
Secretário Executivo de Gestão Pedagógica (SEGEP)

Pollyana Loretto Meira
Secretária Executiva de Administração, de Suprimentos e Logística (SEASL)

Erivonaldo Alves da Silva
Secretário Executivo de Cooperação com os Municípios (SECOM)

Antonio Guedes Rangel Junior
Presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ)

Neilze Correia de Melo Cruz
Gerente Executiva de Desenvolvimento e Protagonismo Estudantil (GEDPE)

Josemar Medeiros da Silva
Gerente Operacional de Educação Científica, Projetos Culturais, Esportivos e Olimpíadas Estudantis

Romário Farias Pedrosa dos Santos
Gerente Operacional para a Promoção, Articulação e Mobilização Estudantil

Equipe da 5ª Flirede

Tiago Dantas Germano

Lanna Rúbia Figueiredo Bezuska

Daniella de Araújo Cunha

Jerônimo Martins de Lima

Ricardo Jeronimo da Silva

André Vinicius Laurito Barbusci

Editorial e revisão

Tiago Dantas Germano

Lanna Rúbia Figueiredo Bezuska

Design e diagramação

André Vinicius Laurito Barbusci



ORIENTAÇÕES
PEDAGÓGICAS:
IGNEZ MARIZ
EM SALA DE
AULA

Quem foi Ignez Mariz?



Maria Ignez Marques Mariz (1905-1952) nasceu em Sousa (no Sertão, a 429 quilômetros de João Pessoa) no dia 26 de dezembro de 1905. Filha do médico e político Antônio Marques da Silva Mariz (1851-1927) e da matriarca Maria Emília Marques Mariz (1873-1914), foi a sétima filha de uma família influente, de dez irmãos (oito mulheres, todas com o nome Maria; e dois homens, José e Antônio).

QUADRO 1



Ignez Mariz (número 3) em família: com Maria Emília Marques Mariz (1, irmã); Antônio Mariz de Oliveira (2, irmão); Maria Dolores Marques Mariz (4, irmão); José Marques Mariz (5, irmão); Maria Mercedes Marques Mariz (6, irmã); Maria de Lourdes Marques Mariz (7, irmã); Maria Antonieta Marques Mariz (8, irmã), Maria Augusta Marques Mariz (9, irmã); Milton de Oliveira Barata (10, ?); Firmina Marques Pordeus (11, “tia Mimosa”); Silvia Marques Mariz (12, tia); Maria Euridice de Araújo Neto (13, “tia Ninita”); Maria Ferreira Rocha (14, também conhecida como “Mariquinha Rocha”); Emilia Pordeus Seixas Mariz (15, ?); Augusto Pordeus Marques (16, ?); Antônio Marques da Silva Mariz (17, pai); e João Agripino Maia de Vasconcelos I (18, tio)

Estudou o primário ainda em Sousa. Na infância, costumava acompanhar o pai nas consultas domiciliares que ele fazia e nas orientações que dava às parteiras da região, já que nos primeiros anos do século vinte grande parte dos nascimentos ainda ocorria dentro das casas das famílias.

Entre 1913 e 1914, morria-lhe a mãe, Maria Emília Marques Mariz. Em 1943, Ignez Mariz publicou um texto chamado “A casa velha” na Revista da semana, que costuma se atribuir à sua memória da mãe morta:

“Uma menina de sete anos apanha carinhosamente os cabelos da morta Bem-Amada que mãos indiferentes cortaram e a jogaram a um canto do quarto imenso... Depois a pequena se acerca de quem está cortando a mortalha, junta os retalhos que sobraram, um a um, e os guarda como relíquias. Vai então rezar de joelhos na sala de visitas diante do caixão. (...) E a menina sente a estranha sensação de que as velas, deixando escorrer grossas lágrimas de cera, estão ali para ajudá-la a chorar a ausência daquela que se foi... para nunca mais voltar.”

Mais tarde, na juventude, fez o curso de pedagogia no Colégio Nossa Senhora das Neves, uma instituição dirigida por freiras francesas em João Pessoa, e integrou a primeira turma de professores do Colégio São José, lecionando francês. Com apenas dezoito anos, começou a colaborar como jornalista em jornais e revistas brasileiras de variedades como *Eu sei de tudo*, *A noite* e *A noite ilustrada* (do Rio de Janeiro, então capital do Brasil); *Alterosa* (de Minas Gerais) e *Letras do Sertão* (da Paraíba).

Dessa época, são famosas suas crônicas elaboradas para uma série intitulada “Revelando o Brasil para os brasileiros”, na qual Ignez Mariz apresentava a história de alguns municípios brasileiros, bem como seus mitos e lendas. Todos esses textos estão publicados no acervo digital da Biblioteca Nacional (<http://memoria.bn.gov.br/acervodigital>), e você vai encontrar alguns deles ao final deste guia. Mas agora voltemos à história de nossa homenageada...

QUADRO 2



José Marques da Silva Mariz (irmão)



Antônio Marques da Silva Mariz (sobrinho)

De uma família tradicional na região, Ignez Mariz foi parente de algumas figuras relevantes para a história da Paraíba: seu irmão, José Marques da Silva Mariz (1902-1953) foi interventor federal entre os anos de 1934 e 1935; e seu sobrinho, Antônio Marques da Silva Mariz (1937-1995), foi deputado federal, senador e governador. Além deles, sua tia, Maria Angelina Mariz Maia, casou-se com João Agripino Maia de Vasconcelos I, tendo sido eles pais do também deputado federal, senador e governador João Agripino Filho (nascido João Mariz Maia, 1914-1988)

No dia 23 de janeiro de 1928, Ignez Mariz casou-se com um primo distante: Carlos Pordeus Meira de Vasconcelos (1904-?), também filho de um médico, sobrinho de um influente general do Exército Brasileiro e fundador do jornal *A gazeta de Sousa* (mais tarde *O sertão*). No dia 27 de março de 1929, o casal teria seu primeiro e único filho: Paulo Antonio Mariz Meira (1929-1982), que aparece ainda criança na foto mais conhecida da escritora. O casamento durou até o dia 24 de outubro de 1951, quando a escritora se desquitou do marido. O desquite era uma separação entre os cônjuges e seus bens, sem a dissolução do vínculo matrimonial. **Ignez Mariz foi a primeira mulher de Sousa a se desquitar, e sendo ela de uma família tradicional, seu desquite foi considerado um escândalo na época.**

QUADRO 3


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Certidão de Casamento

NOMES: Carlos Pordeus Meira (CPF SEM INFORMAÇÃO)
 Maria Ignez Marques da Silva Mariz (CPF SEM INFORMAÇÃO)

MATRÍCULA: 0707890155 1928 2 00010 009 0000005 27

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS DE NASCIMENTO, NATURALIDADE, NACIONALIDADE E FILIAÇÃO DOS CÔNJUGES
 Contraente 1: Carlos Pordeus Meira, nascido em vinte e sete de março de um mil novecentos e quatro (27/03/1904), natural de Sousa-PB, brasileiro. Filho de Paulo Meira de Vasconcelos (Falecido) e Clotilde Meira Pordeus (Falecida).
 Contraente 2: Maria Ignez Marques da Silva Mariz, nascida em vinte e seis de dezembro de um mil novecentos e cinco (26/12/1905), natural de Sousa-PB, brasileira. Filha de Antonio Marques da Silva Mariz (Falecido) e de Emilia Marques Mariz (Falecida).

DATA DO REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO): vinte e três de janeiro de mil novecentos e vinte e oito
 DIA: 23 MES: 01 ANO: 1928

REGIME DE BENS DO CASAMENTO: Comunhão de bens

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO):
 Ele: O mesmo nome de solteiro
 Ela: O mesmo nome de solteira

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ADRESIVAR
2ª VIA. Registro lavrado em 23/01/1928, no Livro 9-0002, Nº 1, folha 9.
 1- Anotação: Em 24/10/1951 - AVERBAÇÃO DE DESQUITE, Maria Ignez Marques da Silva Mariz constante do presente termo passou a assinar Maria Ignez Marques Mariz em virtude do seu desquite amigável com Carlos Pordeus Meira conforme mandado do Juiz de Direito de Comarca Dr. Luiz Silva Ramalho com data de 24/10/1951.

Serviço Registral: Maria Alice Maria Langhehl
 (CPF 2093 Maria Langhehl Peto - Oficial Registro Civil)
 Sousa-PB
 Rua Carlos Botelho 1711 centro, município e sistema de Sousa-PB
 CEP 5880090 Fone: (31)321-2142 E-mail: rcp@uaa.gov.br

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
 (Assinatura) Francisco Ramos Pinto
 Oficial Substituto

Consulte a autenticidade em:
<https://atlasdigital.igb.gov.br>
 Encargos: R\$ 300,00

Selo Digital: ALV33743-4H2G

Segunda via da certidão de casamento de Ignez Mariz, constando a “averbação de desquite”
 (Fonte: EHRICH, 2022)

Antes disso, na década de 30, ela iniciava a “Campanha Pró-Bibliotecas Municipais”, demonstrando seu comprometimento com o incentivo à leitura, uma das causas da nossa 5ª Flirede.

Em 1937, lança pela famosa casa editorial José Olympio (a mesma a publicar seus contrarâneos José Américo de Almeida e José Lins do Rego), o romance ficcional *A barragem*, sua obra-prima, única narrativa longa escrita pela autora. A obra conta a história da construção da barragem São Gonçalo, em Areia (leia mais detalhes sobre ela no capítulo específico de nosso guia). Passou a morar no Rio de Janeiro, onde, em 1939, foi vencedora do prêmio José de Albuquerque, do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, que homenageava o pioneiro da sexologia no Brasil. Também uma pioneira na área, Ignez Mariz venceu o prêmio pela monografia *O que leva a curiosidade infantil insatisfeita*.

QUADRO 4

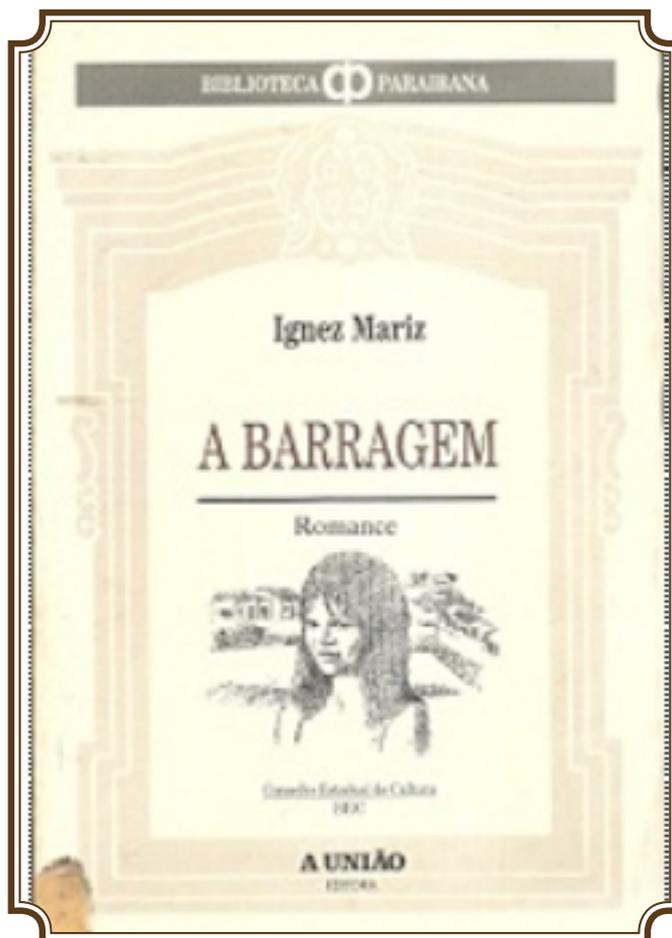


Ignez Mariz em plenária, discursando por ocasião do prêmio José de Albuquerque
(Fonte: CHUCAILO, 2021)

À frente do seu tempo, a professora discutia um tema que, infelizmente, ainda é controverso nos dias de hoje. Segundo Evandro Nóbrega, que assina o prefácio da edição fac-similar de *A Barragem* publicada em 1994 pela coleção Biblioteca Paraibana da Editora A União, Ignez “se interessava muito pela educação sexual na juventude” e “lamentava (que) não lhe houvessem ensinado absolutamente nada sobre aspecto tão importante da existência humana”. Nóbrega cita um artigo no qual Ignez Mariz se refere a uma pergunta da atriz Shirley Temple: “Qual (é) a diferença entre um touro e um boi?”. E a resposta do também ator Clarck Gable: “O boi é um touro que passou por um grande desgosto”. “Ignez comentava: ‘A mim nunca disseram nem isto!’”. Nóbrega segue:

“Não espanta que lamentasse também, na adulez, ter sido levada a amarrar cordõezinhos nas cadeiras antes ocupadas por homens, em casa, para que as mulheres, evitando os assentos marcados, escapassem antes ocupadas por homens, em casa, para que as mulheres, evitando os assentos assim marcados, escapassem da gravidez... Era crença interiorana: quanto mais tempo se demorasse o homem numa cadeira, quanto mais ela ainda estivesse quente, maior o perigo de incautas moças pegarem bucho...”

QUADRO 5



Capa da edição fac-similar de A barragem, lançada pela coleção “Biblioteca paraibana”, da editora A União, em 1994: escritora é a única mulher publicada pela série

Em 1952, Ignez Mariz tomou uma decisão arrojada. Com a ideia de escrever um romance que denunciasse as condições precárias do sistema de saúde do Brasil, ela fingiu ser uma indigente e internou-se voluntariamente num hospital público do Rio de Janeiro alegando um problema de amígdalas. Seu destino foi de uma ironia macabra: morreu na mesa de cirurgia, asfixiada, porque faltou-lhe o oxigênio durante a operação e os médicos não conseguiram lhe arranjar um outro tubo além do que já tinha sido utilizado na operação. Além do projeto que levou à sua morte, deixou um romance inacabado, intitulado *Tresloucado gesto*, e um livro de contos chamado *Ruma*.

No artigo “Biopoder, gênero e literatura: o lugar da paraibana Ignez Mariz no Regionalismo de 30”, o pesquisador José de Sousa Campos Júnior atribui o esquecimento em torno da obra de Ignez Mariz à formação “por natureza excludente” do cânone literário, fruto de uma “visão patriarcal, machista e misógina, cujo esquema prioriza fatos em seu favor e não outros”. Prova disso encontramos na crítica literária da época, e sua recepção flagrantemente distinta de uma mulher escrevendo sobre o tema regionalista, em meio de tantos homens que não receberam o mesmo tipo de avaliação preconceituosa. Assim escreveu sobre *A barragem* o escritor e historiador Octavio Tarquinino de Souza (1889-1959):

“(...) dotada de sólidas qualidades de escritora e romancista, essa senhora (Ignez Mariz), que agora estreia com um romance passado no Nordeste, sacrificou o seu livro escolhendo um tema que está na moda, mas não nas suas cordas. É verdade que a senhoras se deve sempre perdoar o quererem seguir a moda, ainda que literária.”

Campos Júnior traz o contraponto:

“Há uma evidente ironia ao relacionar a moda ao universo feminino, sugerindo que as mulheres estão sempre seguindo os ditames da moda e, por isso, merecem perdão. Trata-se, portanto, de uma visão preconceituosa e machista, revelando que o discurso de tal crítico mostra uma parcialidade em favor da figura masculina e diminuindo Ignez enquanto escritora, reduzindo-a a querer seguir uma simples ‘modinha.’”

Homenageada da 5ª Flirede com o tema “Ignez Mariz: 120 anos de uma voz represada”, o Governo da Paraíba, por meio da sua Secretaria de Educação, busca não somente devolver a Ignez Mariz o seu lugar merecido como uma das protagonistas da segunda fase do Modernismo brasileiro como também proporcionar algum tipo de reparação histórica à memória da escritora.

PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE A VIDA E OBRA DA ARTISTA

Qual é a relevância de Ignez Mariz?

Ignez Mariz é uma das escritoras representantes da **segunda geração do modernismo brasileiro**, que abrange o período de 1930 até 1945. Ao lado da cearense Rachel de Queiroz (1910-2013), autora de *O quinze* (1930), adotou a paisagem nordestina em sua prosa e integra a chamada Geração de 30, da qual fazem parte também os paraibanos José Américo de Almeida (1887-1980) e José Lins do Rego (1901-1937). **Seu romance *A barragem* (1937) aborda a temática da seca sob um ponto de vista inusitado: o dos trabalhadores responsáveis pela construção da barragem de São Gonçalo, situada em sua terra natal, Sousa.** A ficção mostra também o choque cultural entre o sertão predominantemente agrário e a modernidade metropolitana, dando protagonismo a uma família formada por Zé Mariano, empregado do governo na construção do açude, a esposa Mariquinha e sua prole inicialmente de seis filhos: cinco homens e uma mulher, Maria dos Remédios, jovem que em certo ponto da narrativa viaja para o Recife com o tio e demonstra todo o seu estranhamento com o cotidiano das primas, devidamente introduzidas à sociedade abastada da capital pernambucana. Atenta aos problemas sociais decorrentes da exploração dos trabalhadores em áreas rurais (muitos deles analfabetos e em situação análoga à escravidão), Ignez Mariz traz em sua narrativa um rico panorama de sua época, discutindo questões como o analfabetismo, o machismo, a tortura, entre outros temas que tangenciam sua obra.

Por que a obra de Ignez Mariz ficou por tanto tempo desconhecida do grande público?

Para responder essa pergunta, precisamos recorrer ao conceito do que, na literatura, se chama de “cânone” (um conjunto de autores e obras representativos de determinado período histórico ou estilo literário). Precisamos também compreender que, até os dias de hoje, a construção de um cânone literário se dá por processos quase sempre exclusivos, como o reconhecimento da crítica especializada, a chancela dos júris de concursos e prêmios literários, a presença em antologias, revistas e eventos de literatura, entre outros. Esses meios de validação envolvem uma curadoria comprometida não só com a qualidade do texto, mas também com critérios extraliterários como a influência de autores e editoras, suas figuras públicas, o que é dito e produzido sobre eles. **Em se tratando de Ignez Mariz, mulher, sertaneja, não há dúvida de que certos fatores biográficos influenciaram na sua ausência, até aqui, do cânone literário, apesar da qualidade indiscutível do romance *A barragem*.** Ignez Mariz veio de uma família tradicional e abastada, mas desafiou o conservadorismo de sua época se comprometendo com valores progressistas, tendo além disso se desquitado e se mudado para o Rio de Janeiro para criar sozinha seu único filho. Já vimos que parte da crítica, em sua época, não conseguia se desvencilhar de uma percepção um tanto misógina da literatura que ela produzia, dando outro peso, por exemplo, à obra de seus contemporâneos que escreviam sobre os mesmos temas. Não à toa, quando se fala dos nomes da segunda fase do modernismo brasileiro, nos vêm à lembrança vários romanistas (José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos...), mas somente uma romancista (Rachel de Queiroz). O mesmo se dá na poesia, quando geralmente se lembra apenas de uma poeta (Cecília Meireles) em meio a vários outros (Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Murilo Mendes..).

Mas se ela só escreveu uma obra, por que deve ser tão celebrada?

É um engano resumir o legado de Ignez Mariz apenas ao romance *A barragem*, por mais relevante que seja sua obra (e ela é, dada a fonte infindável de pesquisa literária e histórica que ela nos proporciona). **A primeira escritora homenageada pela Flirede era também uma mulher à frente do seu tempo:** como professora, militou em prol da leitura, atuando à frente da “Campanha Pró-Bibliotecas Municipais”, e se engajou na questão da educação sexual nas escolas, tendo inclusive ganhado um prêmio nacional nessa área, como já tivemos a oportunidade de citar. Já na década de 1930, Ignez Mariz tinha a compreensão de que a educação sexual não visa a estimular a atividade sexual, mas a combater a desinformação em torno do assunto e prevenir questões como a violência e o abuso infantil. Essa é uma questão que precisa ser elucidada ainda hoje, quase um século depois, imaginem então naquela época, quando havia ainda tantos tabus e preconceitos em torno do assunto, e do fato de uma mulher estar provocando o seu debate. **Ignez foi revolucionária também no jornalismo:** num ambiente predominantemente masculino, conseguiu se destacar como colaboradora de vários jornais e revistas, deixando uma fortuna crítica até hoje indevassada, composta por crônicas, fragmentos de memória e séries de reportagens. Ainda há páginas escritas por Ignez Mariz que permanecem inéditas em livro, prontas para ser descobertas por nós, leitores do futuro, nos arquivos digitais e impressos das bibliotecas. Fica aqui o desafio: vamos à caça desse tesouro que é a escrita de Ignez Mariz?

TRABALHANDO UM “OUTRO OLHAR” NA OBRA DE IGNEZ MARIZ

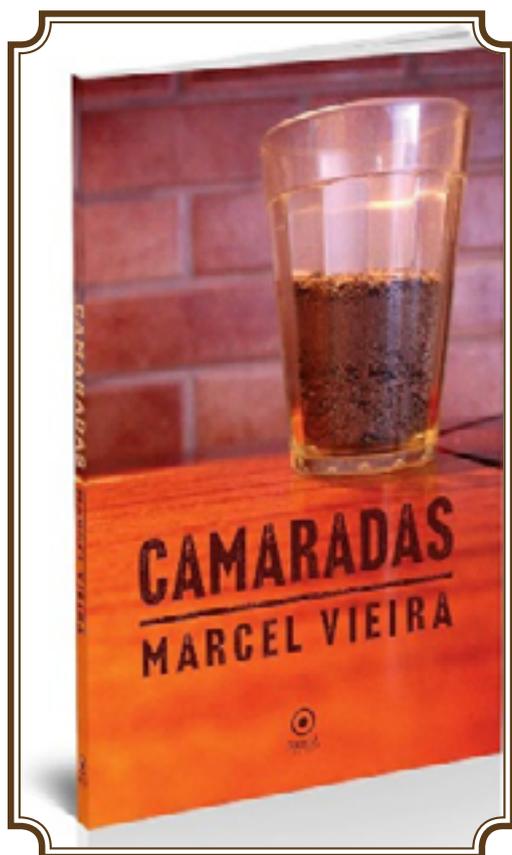
Como então podemos trabalhar as múltiplas facetas da obra de Ignez Mariz em nossa produção?

O primeiro passo é apresentar a história de vida de Ignez Mariz e explicar o contexto histórico que não permitiu que sua obra fosse mais celebrada. Vale a provocação: quantas escritoras e escritores de nossas cidades e de nosso estado, mesmo com uma produção literária relevante, não são conhecidos mesmo aqui na Paraíba, que dirá fora do estado? De que formas podemos contribuir para que o trabalho desses artistas seja mais valorizado, contribuindo para que eles alcancem novos públicos e possam dialogar também com outras realidades? Divida o quadro em duas colunas. Na primeira, proponha que os estudantes citem nomes de escritores homens, e na outra, o nome de escritoras mulheres. Qual dos quadros é mais facilmente preenchível? E por quê? Nos proponhamos a seguinte pergunta: quantas mulheres em nossas famílias não possuem histórias que “dariam um romance” e elas não puderam escrever porque, além de terem seus empregos, possuíam afazeres domésticos que as impediam de dedicar-se a um projeto literário? Quantas sequer se autorizavam a escrever?

O segundo passo é introduzir a obra de Ignez Mariz, mostrando como ela dialoga com sua época e com o seu lugar, inclusive com a noção até então formada do feminino que ela fez questão de romper, levando questões como o casamento por conveniência e o mito da “mulher de família” para o seu romance, desconstruindo esses padrões e dando protagonismo a personagens de diversas faixas etárias e condições de vida, refletindo, através dessas personagens, temas como o machismo, a misoginia e a busca das mulheres por uma independência e uma ruptura com as estruturas que lhes eram impostas. Nesse ponto, vale trabalhar a própria figura de Ignez Mariz, uma jornalista que colaborou para vários periódicos dentro e fora do estado, num ambiente predomi-

nantemente masculino que era o da redação dos jornais e revistas.

O **terceiro passo** é partir para o trabalho, pôr a mão na massa: elaborar textos que dialoguem com a vida e a obra da nossa homenageada, a primeira mulher homenageada pela Flirede. Não precisamos ficar restritos aos temas explorados em *A barragem*, embora seja sua obra-prima. Podemos também usar Ignez Mariz como personagem de uma narrativa, repleta de percalços, mas também de glórias. Vale atualizar as preocupações artísticas de Mariz, que tratou do trabalho em condições análogas à escravidão (um crime que até hoje é combatido, como observamos em casos recentes envolvendo vinícolas do Rio Grande do Sul). Ou a própria gestão hídrica, um assunto premente num mundo cada vez mais dependente das grandes reservas de água e do não desperdício desse recurso tão essencial para a vida humana. A violência no campo também pode ser trazida à baila, num ano em que comemoramos não apenas os 120 anos da data de nascimento de Ignez Mariz, mas também os 100 anos de outra mulher importantíssima para a nossa história: Elizabeth Teixeira, trabalhadora rural e ativista, que militou nas ligas camponesas para combater injustiças que, nos escritos de Ignez Mariz, já começam a ser apontados: como o coronelismo e a exploração de mão-de-obra barata dos trabalhadores rurais e o descaso com os pequenos produtores, privando-lhes do direito à terra. O episódio da morte de Ignez Mariz pode suscitar um estudo sobre a autoficção, a escrita de si e a escrevivência, mais tarde abordada na obra de escritoras como Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Conceição Evaristo (1946 -). A obra *A barragem* pode ser relacionada a livros mais recentes como *Camaradas* (Editora Patuá, 2018), de Marcel Vieira, que ficcionaliza a tragédia envolvendo a Barragem Camará, inaugurada em 2022 e rompida em 2004, num desastre que atingiu grandes proporções nos municípios de Alagoa Grande e Mulungu.

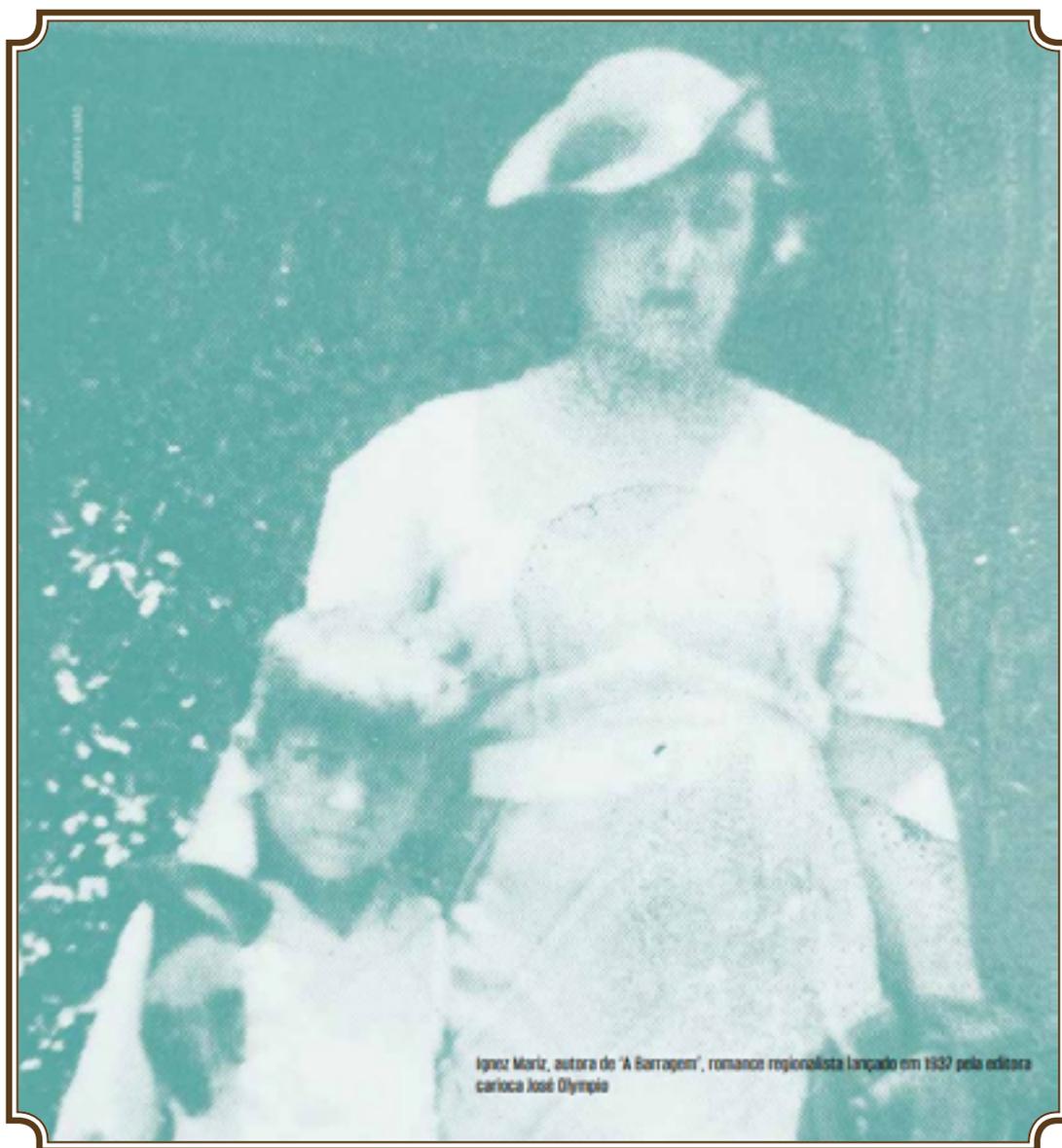


O romance Camaradas (Patuá, 2018), de Marcel Vieira, que trata da tragédia da barragem Camará, em 2004

ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º A 4º ANO)



Com estudantes dos Anos Iniciais é importante trazer para a sala de aula elementos lúdicos, a fim de associar a figura de Ignez Mariz e o cenário de seu romance aos poemas e ilustrações que serão produzidos. É icônica a imagem de Ignez Mariz com seu filho, Paulo Antonio Mariz Meira, em que ela figura com trajes de época: o chapéu feminino que era moda na primeira metade do século vinte, as luvas, o vestido, e seu corte de cabelo: curto, o que já foi um ato de transgressão. Caso o estudante nunca tenha conhecido uma barragem como a de São Gonçalo, em Sousa, é válido também apresentar para ele imagens desse tipo de construção, sua finalidade, a importância que elas tiveram para o desenvolvimento econômico de regiões que sofriam com a seca e com a falta d'água.

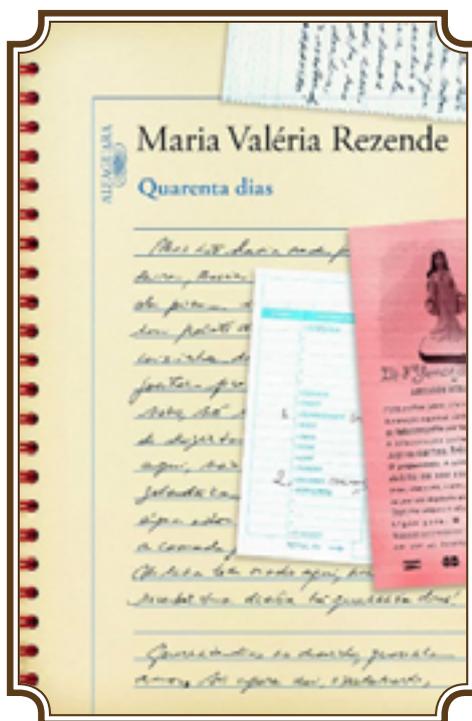


A foto mais conhecida de Ignez Mariz, com seu único filho Paulo Antonio Mariz Meira, usada na orelha de seu romance A Barragem (Fonte: Correio das Artes, 2023)

ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (5º A 9º ANO) E ENSINO MÉDIO



Com este público podemos nos aprofundar um pouco mais nas questões abordadas por Ignez Mariz em *A barragem*, propondo inclusive uma apropriação de sua história para basear uma escrita calcada na autoficção, na escrita de si e na escrevivência. A autoficção foi um termo cunhado em 1977 por Serge Dobrouvsky (1928-2017) para se referir a um tipo de literatura que borra os limites entre a ficção e a biografia, o real e o imaginário. Já a escrita de si é um gênero narrativo em que o autor se identifica diretamente com o narrador da história. É algo muito próximo à escrevivência, termo criado por Conceição Evaristo para designar uma escrita que surge do cotidiano, da memória, e da experiência de uma autora ou de um contexto coletivo ao qual ela faz parte. Lembrando da trágica morte de Ignez Mariz, numa mesa de cirurgia, fazendo uma espécie de laboratório para um futuro projeto que teria como temática as precárias condições de saúde dos hospitais brasileiros, podemos dizer que ela estava, muito antes desses termos surgirem, ensaiando uma autoficção, uma futura escrita de si, sendo vítima de uma malfadada experiência de escrevivência. Podemos inclusive traçar um paralelo entre sua obra e a de escritoras como Maria Valéria Rezende e seu romance *Quarenta dias* (Alfaguara, 2014), que brotou de um projeto chamado “Redescobrimo o Brasil” (alguma semelhança com a coluna de Ignez Mariz, chamada “Revelando o Brasil para os brasileiros? Pois é...”). Nesse livro, Maria Valéria descreve a experiência que teve caminhando por quarenta dias na cidade de Porto Alegre, procurando por uma pessoa que não existia. Tudo isso pode inspirar nossos estudantes a pensar em suas autoficções, relacionando-as aos episódios de vida de nossa homenageada.



O romance Quarenta dias (Alfaguara, 2014), de Maria Valéria Rezende, um exemplo de autoficção

EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)



Entre o público da EJA, podemos abordar projetos de vida que, como o de Ignez Mariz, foram esquecidos, apagados ou adiados em virtude das tribulações da vida e das expectativas que a sociedade tem em relação aos seus sujeitos, muitas vezes irreais e independentes das características idiossincráticas de cada indivíduo. Como a obra de Ignez Mariz seria recebida nos dias de hoje? Será que ela teria o mesmo tipo de recepção? Quantas de nossas estudantes já não tiveram sua criatividade tolhida ao longo da vida em virtude de demandas que as afastaram de seus sonhos e de suas pretensões? O que é preciso mudar na sociedade para que outros casos como o de Ignez Mariz não ocorra, e mulheres revolucionárias como ela não tenham suas ideias obscurecidas por contextos de violência e silenciamento? Como o exemplo de Ignez Mariz pode inspirar pessoas de todas as idades a se empoderar de sua voz e não deixar que ela fique por décadas ou até séculos represadas, sem se revelar para o mundo.

EDUCAÇÃO PARA PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE



Um trecho relevante de *A barragem* é dedicado ao roubo que um dos filhos de Zé Mariano, passando fome, faz à mercearia do acampamento. O jovem é detido e torturado, o que gera uma celeuma no acampamento e um embate de forças entre dois personagens que detêm poder e influência entre os trabalhadores. Os estudantes das unidades prisionais podem ser estimulados a debater as circunstâncias do delito, e a pena infringida ao jovem que não chegou a ser julgado e não teve chance de defesa. Pode-se refletir sobre o estigma da tortura, um crime contra os direitos humanos que protege os cidadãos de penas e tratamentos cruéis, desumanos e degradantes, como o que foi submetido o filho de Zé Mariano. Outro debate importante para ser travado nas unidades prisionais é o feminicídio, consequência direta do machismo e de práticas das quais Ignez Mariz foi uma crítica ferrenha, expondo no seu livro a situação de mulheres que sofriam com sua posição marginalizada na sociedade, à mercê de homens rudes que muitas vezes as objetificavam e as encarava como uma posse sua.

TEXTOS DE ACESSO PARA UMA NOVA PERSPECTIVA EM TORNO DE IGNEZ MARIZ



Em seu trabalho como jornalista, numa época em que a comunicação era ainda precária e não era comum o trânsito das pessoas entre cidades e estados, Ignez Mariz se debruçou sobre a missão de apresentar o Brasil para os Brasileiros, através da história e dos mitos e lendas que edificaram nossa cultura. Eis alguns exemplos de sua obra jornalística:

Produção Jornalística

Iracema e as lagoas de “Porangaba” e “Mecejana”

Revista Eu sei tudo (Rio de Janeiro, 1947)

A lenda se entrelaça de tal maneira com os dados históricos que se torna impossível separá-los completamente. A tradição oral chegou até José de Alencar quando ele era criança e escutava histórias de babás à beira do fogo, à espera da ceia.

Diz a lenda que uma índia chamada Iracema (nome composto de ira, mel; e tembe, lábios, ou seja, na linguagem indígena - lábios de mel) apaixonou-se pelo guerreiro branco Martins, que o acaso levava até onde ela se encontrava tomando banho. Aconteceu o inevitável: tempos depois uniam-se os dois. E Iracema, que era francamente do banho, desta vez foi morar perto de uma lagoa. E os guerreiros que diariamente passavam na estrada e viam nadando uma índia tão bonita, começaram a chamar o lugar de Porangaba, que na língua deles quer dizer - lagoa da beleza. Pelos anos a seguir, durante muito tempo, as mães cearenses iam banhar suas filhinhas naquelas águas, pois a tradição dizia que eram enfeitadas desde que ali se banhara Iracema, e tinham o poder de transformar em bonita qualquer menina feia.

Iracema já esperava um filho quando Martim, o guerreiro branco, precisou partir para a guerra, a fim de ajudar o amigo Poty nas lutas que travavam entre as diversas tribos ali radicadas. Tendo tomado essa decisão longe de casa, Martim desejou voltar para cientificar à esposa de sua resolução. Mas Poty não consentiu, temendo que o irmão branco fraquejasse ao ver a tristeza estampada no rosto da índia que ia ser mãe de um filho seu. Disse o indígena: “As lágrimas da mulher amolecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amolece a terra”. E, sabendo como Iracema compreendia bem todos os símbolos, vibrou o arco, atirou a flecha e atravessou um guaiamú que corria pela margem do lago. Fincou então o indígena a flecha no chão e disse para Martim: “Podes partir. Iracema seguirá teu rastro: chegando aqui verá tua seta e obedecerá à tua vontade.” Comovido, Martim quebrou um galho de maracujá, a flor da lembrança, e entrelaçou-o na seta. Quando no outro dia a indiazinha, apreensiva com a ausência do bem amado, veio ter à beira da lagoa, encontrou os símbolos e assim os interpretou: “Ele manda que Iracema ande para trás, como o guaiamú, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo, até morrer.”

E todos os dias, à hora do banho, em vez de ir à Porangaba, a lagoa da beleza, ela se dirigia ao lugar onde Martim a deixara ao abandono, na esperança de que ele ali voltasse. E os mesmos guerreiros que a tinham visto feliz outrora, e agora a encontravam triste como a garça viúva, começaram a chamar esta outra lagoa de Mecejana, que significa - a abandonada.

Fonte: https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/posts/4171904106160071/?paipv=0&eav=AfaoRs-LEQDQhF0ILAmf09wTnQ947GbqAiSkNxDNwSAsx-e8TxogpCtaq_l9Hr5b8cE&rdr



Óleo sobre tela (1881), de José Maria Medeiros, Museu Nacional de Belas Artes

Revelando o Brasil para os brasileiros

Souza, estado da Paraíba

Revista Eu sei tudo (Rio de Janeiro, 1947)

A Serra da Borborema, abraçando o estado da Paraíba pela cintura, divide-o em duas vertentes: a Oriental, da qual o rio mais importante é o Paraíba do Norte, e a Ocidental, que tem no Piranhas a sua corrente d'água mais volumosa.

A cidade de Souza está situada à margem direita do Rio do Peixe, na zona do Sertão, a quatrocentos quilômetros do mar, em linha reta. Pela rodagem dessa distância se eleva a perto de quinhentos quilômetros, devido às sinuosidades da estrada sobre o dorso da Borborema.

O Piranhas nasce na Serra do Bongá, nos limites com o Ceará, vem descendo de cabeça a baixa e vai se juntando com tudo que é riacho que encontra no caminho. Quando se sente poderoso, inicia então o suborno de rios maiores, pedindo-lhes colaboração e jurando promessas que tanto humilham quem as faz como quem escuta. (Já repararam como não são semelhantes os rios e as criaturas humanas?). O Rio do Peixe é modesto e desconhecido, por isso vai na onda e cai no conto que lhe passa o maioral. Ainda no município de Souza, faz "coalizão" com o Piranhas. Daí em diante continuam os dois a correr agarradinhos... O rio menor já não fala alto na fúria de um acomodado. Mais adiante o Piranhas, o grande sedutor, consegue duas capitulações ainda mais valiosas: a do Piancó e a do Pinharas. E então... é aquela água! Perdem todos o seu valor intrínseco, despersonalizam-se, ajeitam-se em entendimentos humilhantes e, dentro do Rio Grande do Norte, toma o nome de Açú, como se fossem penitentes procurando esconder em terra estranha as feiúras de um passado não muito edificante.

Os episódios que vamos hoje narrar foram-nos contados na infância, durante os serões familiares das longas noites sertanejas. Como, entretanto, quem faz História não pode se fiar muito na tradição oral, onde a lenda se mistura passo a passo com a verdade, resolvemos pedir confirmação de muita coisa a Irineu Pinto e Coroliano de Medeiros.

Foi a atual cidade de Souza, nos princípios de sua vida, uma aldeia dos índigenas Icós. Dizem que o bandeirante que primeiro penetrou àquelas brenhas, aí por volta de 1700, chamava-se Francisco de Oliveira Ledo, era capitão-mor de Piranhas e Piancó e filho de Teodósio de Oliveira Ledo, de quem herdara o título e a coragem. As terras pertenciam à Casa da Torre, da Bahia, a qual mui-

to ajudou financeiramente a família Oliveira Ledo no desbravamento da região. O distrito, devido à fertilidade de suas terras, recebeu o nome de “Jardim do Rio do Peixe”. O elemento indígena, em sua grande maioria, preferiu desaparecer a ter de se amoldar aos usos e costumes dos novos senhores do Sertão. Alguns, mais dóceis, ficaram e contribuíram para a fundação da cidade, ajudando Bento Freire de Souza e o capitão-mor José Gomes de Sá. Ainda hoje existe a primeira casa por eles construída. Fica na Rua do Rio e pertence à família Ribeiro.



*Capa da revista **Eu sei tudo**, de outubro de 1947, em que Ignez Mariz colaborou com um texto sobre sua cidade natal Souza (Fonte: Biblioteca Nacional)*

Graças à decifração de velha escritura de terras, sabe-se que em 1874 Souza se chamava “Jardim de Nossa Senhora dos Remédios”, mas ainda não conseguimos apurar em que tempo se deram as diversas mudanças do nome da cidade. O povoado progrediu e, pela Carta Régia de 22 de julho de 1776 teve a categoria de vila. Em 10 julho de 1854 foi elevada a cidade graças à lei provincial n. 28. É sede de comarca em virtude de outra lei provincial, a de n. 27, de 6 de julho de 1854 e foi classificada pelos decretos nos. 1.625, de 29 de setembro de 1855 e 5.079, de 4 de setembro de 1872. A lei n. 752, de 27 de novembro de 1833, determina os seus limites.

Muito pouca gente sabe que a cidade de Souza possui a lenda mais bela do Brasil: a de Jesus Eucarístico. O episódio nos chegou ao conhecimento através da tradição oral. Aí por volta de 1850, estava o vigário confessando na igreja quando lhe apareceu um negro macumbeiro dizendo-se arrependido e pedindo absolvição dos pecados. Conseguiu o seu intento e no outro dia, bem cedo, apareceu na matriz para receber a comunhão. Mal, porém, o padre lhe colocou sobre a língua a hóstia consagrada, o homem a retirou depressa e disparou na carreira pela porta afora, desaparecendo sem que ninguém tivesse tido tempo de agarrá-lo: queria a hóstia era com intenções sacrílegas, para usá-la nas práticas de macumba. A cidade em peso orou o desagravo a Jesus Eucarístico: que ele não fosse castigar todo o povo pelo crime que um só cometera. Dois dias depois, um pastorzinho, que tomava conta de um rebanho num matagal próximo, notou de as ovelhas se juntavam em círculo ao redor de qualquer coisa certamente muito preciosa, pois quando umas se cansavam, outras iam substituí-las, ininterruptamente. O menino se aproximou.... e caiu de joelhos. Sobre o capinzal da clareira, circundada por um clarão prateado, intacta estava a hóstia que o macumbeiro roubara da Matriz. Na carreira desordenada, ele a deixara cair. Sabendo não poder tocar no corpo de Deus, o pastor resolveu deixar Jesus mais algum tempo sob os cuidados dos carneirinhos e foi correndo chamar o vigário. Alvorçado com o repicar dos sinos das duas igrejas, o povo se juntou num instante e uma procissão enorme se dirigiu à mata, onde as ovelhas continuavam montando guarda ao “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. Deu-se imediatamente a construção de uma capela que se chamou depois “Igreja do Bom Jesus Aparecido de Souza”, ou simplesmente o “Bom Jesus”, hoje fazendo parte de um dos logradouros mais bonitos da cidade, e onde o povo vai cumprir promessas e realizar novenas inesquecíveis.

Trazendo no espírito a descrença, o ceticismo e a irreverência como doenças crônicas, sentimo-nos incapaz de traduzir em toda a sua extensão o misticismo exaltado daquele povo generoso e bom, a quem amamos sobre todas as coisas e do qual fazemos parte com ovelhinha ingrata, que resolveu abandonar o seu habitat e o seu rebanho para viver triste e solitária em terra estranha.

O padre Belarmino José de Souza foi vigário daquela cidade durante muitos anos e era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Quando ele morreu, Joaquim Nabuco, fazendo-lhe o necrológio na sessão de 1898, assim se referiu ao modesto pároco de tão longínqua e desconhecida localidade do interior brasileiro: “Com o padre Belarmino estamos, senhores, como que em frente de uma gaiola em que se ouve cantar um pássaro do Sertão. A gaiola é o sacerdócio; o pássaro é a alma nostálgica, leve, melodiosa, que havia nela. Sua bagagem literária é muito pequena. É a descrição de uma visita do bispo do Ceará em 1884 ao sul da província; é a *Breve notícia sobre a jundação da Capela de Nossa Sra. Do Rosário, da cidade de Souza* e alguns artigos. O que ele nos deixou, porém, é profundamente interessante como expressão de uma alma que parece uma pura exaltação de nossa natureza. Não são mais do que notações muito simples, infantis mesmo,

da sua adolescência e mocidade; mas, são tão distintas, que reproduzem emoção do fato, do lugar, da vida íntima do povoado. Não é um psicólogo que escreve, um observador de si mesmo. São reminiscências ingênuas como as próprias impressões, mas por isso mesmo sugestiva e preciosas. Sua natureza pode ser comparada a esses campos onde ele cresceu, inteiramente áridos e crestados durante a seca, mas que, de repente, ao primeiro orvalho que cai, ao primeiro sorriso do inverno, se cobrem, por encantamento, de flores. Ao instituto ele não podia trazer contribuições de erudito, de investigador, de sábio, que não dera; dava-lhe, porém, toda a sua dedicação, todo o seu entusiasmo. “Não sei por que, escreveu ele, tenho o espírito naturalmente inclinado às impressões religiosas...” É que ele nunca saiu da infância, desse também regaço materno, que é a terra do berço. Ele mesmo refere, como que tirando do seu sacrário íntimo, uma crença da sua cidade de Souza – a lenda das ovelhas guardando a hóstia consagrada do lugar onde um sacrílego a abandonou. As grandes instituições, como a vossa, senhores, precisam de mais ternura e do encanto dos simples do que do apuro dos exclusivos e refinados. Na Ciência, como na Arte ou na Religião, em tudo que se alimenta de admiração e de entusiasmo, antes a candura do *badaud*, do que o enfado, o entorpecimento do *blasé*. Não devemos aqui estimular o orgulho intelectual, nem ao próprio Instituto serviria, soberba do talento.”

Souza, entretanto, não é apenas uma terra de lendas místicas. Os seus filhos sempre foram homens de ação. Os padres do outro tempo não conheciam o *dolce far niente* e os beija-mãos palacianos. Sofriam guerra, fome e peste junto com o povo. Em 1817, era vigário dali o padre Luís José Correia de Sá, proprietário da fazenda Acauã, a duas léguas da cidade, onde recebeu o padre José Martiniano de Alencar, enviado pelos revolucionários de Pernambuco. Exatamente no dia 27 de março de 1817, era implantado em Souza o regime republicano e fundada a “Liga do Rio do Peixe para a conquista do Ceará”. Conquista ideológica e revolucionária, está bem visto, porque nós, graças a Deus, nunca ambicionamos terras que de direito não nos pertencessem. Ao lado dos padres, como cabeças de grupos revolucionários, figuraram José e João Barbosa Bandeira, Luís José Benevides e Francisco Antônio Correia de Sá. Este último, provavelmente irmão do vigário, ocupava o posto de sargento-mor de cavalaria do distrito. Teve grande influência na revolução, como comandante de um exército composto por 1.100 homens que se destinava a liderar o Ceará. As contrarrevoluções e reveses sofridos no Crato desalentaram-lhe as tropas, forçando-o a sucumbir. Foi enviado preso à Bahia, onde esteve até 1820. Sobre o padre Luís José, diz o historiador Irineu Pinto: “Ilustra sacerdote, morador da fazenda Acauã. Era condecorado com hábito de Cristo e muito amado e respeitado pelo povo do Sertão do Rio do Peixe. Recebeu Alencar mandado pelos patriotas de Pernambuco, e com ele estabeleceu o levante daquela região à causa da democracia. Na contrarrevolução foi preso e remetido à Bahia. Foi em sua fazenda que esteve foragido o Ouvidor Geral da Comarca, André Álvares. Seus bens foram sequestrados em 22 de novembro de 1817.

Parte ainda mais saliente nos destinos do Brasil tomou outro filho de Souza, o general José de Almeida Barreto, comandante das forças legalistas da Proclamação da República. O ministro de Ouro Preto a este dirigiu naquele dia memorável, com as seguintes palavras: “General, ali está o Marechal Deodoro revoltado contra o governo, faça-o retirar daqui. Cumpra o seu dever, que eu saberei cumprir o meu”.

Almeida Barreto respondeu-lhe, então, ironicamente: “Vossa Excelência verá como eu sei cumprir os meus deveres”. Referia-se, naturalmente, aos seus deveres para com a nação e os colegas e farda, muito mais importantes, decerto, do que a fidelidade a um regime de governo completamente fora de época e cujo gabinete vinha há tempos espezinhando o Exército de todas as maneiras.



O Brigadeiro José de Almeida Barreto, natural da cidade Souza, a quem Ignez Mariz atribui a proclamação da República sem derramamento de sangue (Fonte: Biblioteca Nacional)

A tropa ficou esperando uma ordem de fazer fogo que nunca lhe seria transmitida. Daí a pouco, o entusiasmo republicano se generalizou e “tendo as tropas do governo confraternizado com as revolucionárias, foram abertos os portões do quartel-general e nele penetrou a cavalo, sob delirantes aclamações, o marechal Dedodoro da Fonseca” (Veiga Cabral, *História do Brasil*, página 275).

Souza é também a terra natal de dois outros generais: Alfredo Abrantes e Meira de Vasconcelos.

Depois da visita de Almeida Barreto, em 1891, quando eleito senador pela Paraíba, os fatos que mais emoções coletivas causaram à cidade foram: a passagem da Coluna Prestes, em 1924, no princípio do ano, o ataque de Lampeão, no dia 27 de julho, também de 1924, e a revolução de 1930. A Coluna meteu muito medo à população mas não chegou até a cidade, pois ali havia, no momento, o batalhão de forças federais. Lampeão entrou e pintou o sete, porque a polícia confraternizou com ele, que viera atacar, apenas, inimigos políticos do governo. Para a Revolução de 1930, Souza contribuiu com o que de melhor possuía em sua sociedade e no dia 4 de outubro daquele ano o 23º Batalhão de Caçadores, ali aquartelado, teve que se render aos elementos da Aliança Liberal. Ficamos satisfeitiíssimos com a nossa obra. Mal sabíamos então que havíamos embarcado numa canoa furada. O nosso único consolo era saber que milhões de outros brasileiros também caíram no mesmo conto de vigário político.

Na época do último recenseamento, o município de Souza contava com uma população de 38.195 habitantes, para uma superfície de 1.928 quilômetros quadrados. Densidade e população 19,81 habitantes por quilômetro quadrado.

Numas eleições realizadas em 1850 votaram naquela cidade catorze eleitores e ainda foi muito, porque em Campina Grande, a princesa das cidades nordestinas do interior, votaram apenas 29, e na capital do Estado... 28. Duando tempo ao tempo e chegando ao dia 2 de dezembro de 1945 verificaremos que em Souza votaram 200 eleitores, sendo 3.000 no Brigadeiro e 200 no Fiuza.

Atualmente, Souza possui um estabelecimento de ensino secundário. Um Grupo escolar, uma sociedade beneficente, uma clínica médica e uma biblioteca pública municipal. Além de escolas primárias no primárias nos distritos e em quase todas as fazendas, pois o estudo, graças a Deus, sempre foi uma edificante mania daquele povo.

O povo daquela terra nunca nos perdoaria se omitíssemos aqui, a título de nodéstia, o nome do Dr. Antônio Marques da Silva Mariz, filho da cidade de Souza, representante da Paraíba em diversas legislaturas da Câmara Federal, médico humaníssimo, verdadeiro ídolo das populações do Alto Sertão, onde clinicou durante mais de quarenta e cinco anos. Era o pai de quem escreve linhas, mas o seu nome não pode ser silenciado porque a lhe deve o município grandes melhoramentos - a instalação, há muitos anos, das agências de Correio e Telégrafos e o projeto de construção de diversos açudes, sendo o mais importante o SÃA GONÇALO, hoje uma belíssima realidade. A *barragem* foi construída pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, mas quem descobriu o local, quem pela primeira vez falou na tribuna sobre este assunto de tão grandes benefícios para Souza, foi o representante que a cidade mandara à Câmara dos Deputados.

Souza! Souza! “Esta é a ditosa pátria minha amada!” Ali também nasceu a autora destas crônicas. A declaração não vai aqui com o intuito de aumentar o prestígio da histórica e lendária cidade sertaneja. Ao contrário. Vai com a esperança de que o reflexo dos feitos de tantos conterrâneos ilustres contribua de alguma forma para valorizar o nome de quem assina essas modestas e descoloridas reportagens.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

Capítulo de abertura de A barragem (1937)

I

Incisivo com uma ordem, o apito da casa de força rasga o silêncio da manhãzinha.

Após dez anos de quietude imperdoável, o grande coração recomeça a palpitar, a difundir energia por todos os recantos do acampamento de São Gonçalo.

Ninguém tem mais direito de cochilar.

Nem ninguém quer dormir não.

Estremunhado, Zé Mariano salta da rede e começa o arremedo de toalete: pega um caneco, mete-o no pote sustentado por tripé no canto da parede, esfrega os dentes com o indicador, passa a mão molhada pela cara.

— Avia, Mariquinha, ande depressa.

O cheiro já lhe chegou do vão que serve de cozinha.

Numa xícara de louça mal casada com pires velho de ágata, a mulher traz o café que ele bebe em dois goles.

Não misturado com leite, como nos bons tempos de inverno, mas uma bebida fraca, desenhada garapa, que mal dá pra enganar o estômago.

Mas está satisfeito. Todo mundo está contente, aliás. Um homem não precisa mais estender a mão, humilhado, para matar a fome. Tem agora em que se ocupar.

Eles todos convergem para a futura barragem, atendendo ao chamado amigo da casa de força.

O apito soa pela segunda vez.

A postos! Engenheiros, feitores, apontadores, fiscais, simples trabalhadores cava-terra, todo mundo vai empregar o melhor de suas forças físicas ou mentais na obra de humanidade que é a construção de um açude — grande ou pequeno — em plagas nordestinas.

— Um!

— Presente!

— Dois!

— Faltou.

— Avalio a peste que é um cabra que falta no primeiro dia de trabalho.

O apontador, implacável, lança no livro um sinal apropriado.

— Morreu essa noite não sei quem, lá na casa dele.

— Pois vá ele e a alma de quem morreu pra casa do diabo. Número três!

— Aqui presente.

— De enfiada, engolindo sílabas e vomitando palavrões, o apontador daquela turma em dez minutos termina a tarefa.

Num apito curto e grave, a casa de força apela de novo para a energia daqueles milhares de homens, ou melhor, semi-homens, a quem a seca de trinta e dois roubou quase totalmente a força do corpo, deixando-lhes apenas restos de energia moral.

Como se obedecessem a um só braço, iguaizinhas, horas a fio as picaretas rebrilham ao sol, parecendo de prata, ao longe, de tão brilhantes pelo contato com a terra. Terra dura que só pedra, revolvida à custa de supremo esforço, levantando uma poeira de arrastar pulmões. Mas, em nenhuma daquelas cabeças pode passar um pensamento de enfado. Nem cansaço eles têm pretensão de sentir.

Correndo o dedo pela testa, o suor cai no chão ou no peito do cassaco nu e reluzente. E o trabalhador continua satisfeito sua tarefa, se agarrando a ela com afinco de um afogado que achasse afinal tábua de salvação.

Todo entregue a si mesmo, Zé Mariano mal troca palavra com os outros. Vez em quando inda desponha no seu eu revolta surda, por se ver mergulhado nessa miséria, reduzido à expressão mais simples, a cavador de terra! Ele, que nunca tinha sido rico, é verdade, mas que possuía um pedaço de terra pras bandas do Chabocão, o Rancho Doce, uma casinha... uma vaca, que dava leite para as crianças... Aqui, o seu pensamento faz um parêntese: pobres meninos!

Cinco homens e uma mulher, Maria dos Remédios, a menina dos seus olhos. Afora outro que vai nascer em dezembro, o filho da seca, como já o apelidaram.

E se tivesse sido feliz, já estaria com doze fedelhos. Seis, porém, nasceram antes do tempo. Zé Mariano tem um suspiro de alívio. Meia dúzia mais na corcunda, em semelhantes circunstâncias...

Ao peso de suas preocupações, ele vai quase deitado por cima da carroça de mão, para lhe dar com o corpo o impulso necessário para lhe dar com o corpo o impulso necessário, que os braços, destreinados e enfraquecidos pela fome, não têm mais sustança para dar.

O peito roça na terra vermelha que, com suor e tudo, vai se amontoando, se agarrando aos pelos do corpo, dando-lhe o aspecto de um esfolado vivo.

Que teria a mulher engendrado para o almoço? Quando muito, pão de milho com banha de porco, e café preto, igualzinho ao de de manhã. Mas, à lembrança dessa comida insulsa, vem água à boca de Zé Mariano. Comer, seja lá o que for!

Às onze horas, a sirene apita. Largar.

Sujos e cansados, camisas velhas vestidas às pressas, vão os cassacos em busca de seus casebres de taipa, de palha, ou simplesmente de folhas secas e varas de marmeleiro.

Na Rua das Dezesseis, plana, de casas pertencentes à Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, moram os feitores, apontadores, fiscais e demais empregados da categoria.

Em colinas ao redor, se trepam as moradias risonhas do engenheiro residente e pessoal de escritório. Esses bangalôs são a única nota de um conforto civilizado no meio do agreste de São Gonçalo.

E distantes, como se tivessem medo de se aproximar, as casas de cassacos. Baixinhas e disseminadas negligentemente, assim de longe, mais parecem caixas de fósforo, espalhadas sem nenhuma intenção artística, para brinquedo de menino pobre.

Do mesmo jeitinho que deixou, desse mesmo encontrou Zé Mariano a filharada. Um chupa o dedo imundo pelos cantos do casebre esburacado. Outro chuchurreia gostosamente num pedaço de rapadura achado no chão. Os olhos remelentos, o nariz escorrendo, porque a água adquirida mal chegou para cozinhar o feijão dado de esmola por dona Sinhá, uma comadre rica. Chovesse a cântaros, porém, o espetáculo seria o mesmo. Em geral, o cassaco acredita que pobreza implica em porcaria.

Zé Mariano, abatido até o último ponto, depois do trabalho, sente-se esperançado. Quem sabe? O mundo dá tantas voltas! Talvez um dia o Rancho Doce voltasse a ser, de novo, seu.

Tinha vendido o pedaço de terra, a coisa que mais queria nesse mundo depois da velha e dos filhos, para matar a fome deles e comprar o jumento da retirada. Possuía duas vacas.

Mas não achou quem as comprasse, porque gado em tempo de seca vale menos que farinha. Comprá-lo é mesmo que atirar dinheiro pela janela. O coronel Feitosa, que lhe comprara a terra por uma migalha, ainda fora generoso:

— *Deixe as rezes aí nos meus pastos. Se escaparem, bem, se não... Comprar é que eu não quero. Já não sei o que faça de tanta vaca magra.*

— *Ah, trinta e dois! Maldito ano de seca! E eu que já ia me aprumando... Mas o diabo sempre mete o rabo aonde não é chamado.*

— *Cala a boca, homem. Você atenta a Deus com essas besteiras, Zé. Não sabe que foi ele que mandou a provação?*

— *Que me falta ele mandar de ruim, Mariquinha? — pergunta Zé Mariano, amargo.*

Ela apenas arregala os olhos, sem coragem de dizer nada. Teme uma explosão de blasfêmias muito suas conhecidas.

— Deixa de besteira, mulher. Cadê os meninos?

— Já almoçaram.

— O quê?

— Isso mesmo: feijão...

— Pra que mente, Mariquinha? Estou conhecendo. Os pobrezinhos ficaram sem jantar para eu só comer. Você pensa que me agrada com isso? Joca, Remédio, José...

De dentro da camarinha, do terreiro e até de sob uma cangalha, sai gente para disputar o prato de comida. Cada qual que avance mais.

Remédio, num canto, sente-se sem ânimo para a luta.

— Venha, minha filha. Eu queria lá encher barriga vendo meus filhos com fome! Você também, Mariquinha. Essa é boa. Com um menino na pança e se fazendo de rogada...

— E você, Zé, por caridade, me diga, e você?

— Não vou receber dinheiro com nós pensava, por mês. O Barracão fornece até que venha a Paga. E eu tenho meio dia. Já ganhei dez tostões, posso tirar rapadura e farinha. Não se importe que eu não me perco...

E ri, a fim de tranquilizar.

Em dois tempos, o prato de feijão, com gorgulho e tudo, desapareceu. Os meninos lambem os beiços, com vontade de mais.

Do pouco que lhe tocou, Mariquinha ainda repartiu, bolão na boca de um e outro.

Zé Mariano bebe às pressas um caneco d'água para enganar o estômago, enterra o chapéu de palha na cabeça e vai-se.

Sabe que só de noite poderá tirar alguma coisa do Barracão. Trabalha o dia inteiro com a barriga dando horas.

As conversas alegram todo mundo.

*Homem forte começa ganhando **dois mil réis**, mas hoje pode aumentar o salário com o tempo, até três mil réis, conforme o comportamento.*

Agora, hominho da marca de Joca Fuinha, brejeiro amarelo que só flor de algodão, isso é outra coisa. De mil e quinhentos réis não passa.

Zé Mariano se anima. Classificado forte, começando com dois mil réis, poderá chegar a feitor, apontador e quem sabe lá se não fiscal... Estaca.

— Pra onde me leva o diabo do pensamento? Um miserável retirante, com a barriga pegada no espinhaço, sonhando em ser feitor!

Às quatro e meia eles largam o serviço.

A procissão de miséria se dirige ao Barracão. Esse sistema de fornecimento tem dado origem à fortuna apressada de dezenas de privilegiados às custas da miséria de milhares de cassacos. Autorizado pelo governo a ganhar vinte por cento sobre o dinheiro empregado, o capitalista fornece ao pessoal, durante longos meses, à espera da Paga. Mas os vinte se transformam milagrosamente em quarenta por cento, graças à esperteza do coronel, que é mais versado em truques que cigano de feira.

Se o operário vem, por exemplo, por exemplo, comprar uma lata de doce por dois mil e oitocentos réis para a mulher que está de desejo, o caixeiro do Barracão, industria, faz o lançamento:

1 quilo de charque.. 3\$200

O cassaco não sabe ler. Como protestar?

Quando o engenheiro residente examina as cadernetas de fornecimento, encontra tudo mais ou menos em ordem. E se a Paga teima em demorar, tanto pior para o cassaco, tanto melhor para o coronel. De quarenta, o seu lucro se eleva para cem por cento ou mais.

— Duas rapaduras, um litro de farinha!

— Um quilo de arroz!

— Depressa, seu Simão!

O barraqueiro, máquina humana, faz tudo de corrida. Seu berro é estridente. Ele arrota a importância do patrão...

— Que que deseja o número dez?

— Já disse: duas rapaduras, um litro de farinha.

Com os troféus debaixo do braço, Zé Mariano sai apressado.

Chegando em casa, joga tudo na mala de couro que lhe serve de mesa. A meninada voa em cima como urubu em carniça.

Mariquinha faz uma garapa sem ferver porque não tem mais café. Derrama a metade da farinha dentro. E os meninos têm uma ceia larga, como há meses não acontecia.

Cada um na sua tipoia, ferram no sono, e Zé Mariano e Mariquinha deitam-se no chão para gozar o fresco, no terreno que a lua mesmo alumia.

— Estou virando homem de novo, minha velha.

— Felizmente, isso você nunca deixou de ser, graças a Deus. A prova está aqui na minha barriga...

Ele acha graça. A mulher senta-se, deita a cabeça do marido no colo, e lhe desemaranha com os dedos o cabelo.

— Então você está mais animado, não é? Eu não lhe dizia... Esperar em Deus é o remédio do pobre.

— O feitor me achou um cabrão, como ele mesmo disse. Magro, sim, quase sem força, mas de fome. E, Mariquinha, ele até parece invejoso de mim. Estava de bota, um culote bonito, mas tão enfezado, tão miúdo! Vôtes...

— É... não é todo homem que tem o teu tamanho nem o teu talento.

A mulher mira o corpo estropiado que lhe descansa nas pernas, inconscientemente satisfeita de depender de um homem, e orgulhosa, como toda fêmea que possui macho possante.

— E tem mais coisa boa. Aí vem uma Cruz Vermelha para tratar dos pobres.

— Que diabo é Cruz Vermelha, Zé?

— Um hospital, para cuidar mais de menino, parece, do que de outra coisa. Dá remédio, dá até leite condensado.

— Eu acredito lá nisso! Quem mandou?

— O nosso ministro, mulher, quem haverá de ser mais? Você não sabe que depois de Epitácio só ele se lembrou de nós? E é porque é daqui. Diz o povo, Marica, que ele escreveu um livro todinho contando a seca.

— Ele já foi “retirado”, Zé?

— *Você é besta, Mariquinha. Ele é um doutor formado. Diz o povo que inventou as histórias de cabeça, como a gente faz de conta... Mas eu já ouvi ler um pedaço do livro na goiabeira de compadre Luiz Silva e foi tal qual que nós passamos....*

Começa a rir.

— *Se eu duvidar que na tua cabeça passou a besteira de algum dia eu ser ministro...*

— *Tudo no mundo é possível, José — responde ela com tanta simplicidade que ele dá uma gargalhada.*

— *Só no teu quengo, minha santa, só no teu quengo!*

— *Digo que tudo é possível, porque é. Quem haverá de dizer que eu, neta de senhor de engenho e aparentada com um doutor, virasse retirante?*

— *Sim, você tem razão. Mas, cadê o dinheiro que eles te deram que eu nunca vi? Paciência, minha velha, paciência...*

— *João Trigueiro vem cantando pela estrada.*

Mariquinha se compõe, empurra o marido.

— *Já soube, Zé Mariano? A Paga vai ser de quinze em quinze dias! — grita o outro de longe. Não precisamos encher barriga de barraqueiro com os cinquenta por cento de lucro!*

— *Deus seja louvado.*

Marido e mulher conversam até as dez noite, num bate-boca de quem necessita expansão para tudo de bom que lhe fervilha dentro.

A Paga de quinze em quinze dias!

É o mesmo que enxotar a fome para bem longe e dar banana aos barraqueiros.

E mais essa Cruz Vermelha... médicos... enfermeiras... remédios de graça...

Uma esperança doida canta bem alto no coração do sertanejo.

Ela é mais forte, mesmo, que o seu arraigado pessimismo de filho espúrio, de enteado do Brasil.

DATAS IMPORTANTES

7 de janeiro

Dia do leitor. Vamos fazer um mutirão para ler a obra de Ignez Mariz? Neste guia pedagógico dispomos do primeiro capítulo de seu romance *A barragem*, e que tal fazermos uma leitura em conjunto, destacando seus principais pontos de discussão e imaginando uma continuação para a história que está sendo contada? Isso pode ser o ponto de partida para muitas das futuras produções da Flirede, que podem ser submetidas quando os editais dos concursos literários forem lançados.

6 de fevereiro

Data da inauguração do açude São Gonçalo, cenário do romance *A Barragem*, de Ignez Mariz. Segundo Josemar Alves, o evento contou com a presença de várias autoridades oficiais, militares

e religiosas. O Bispo de Cajazeiras, Dom João da Mata Andrade, foi responsável pelo corte da fita simbólica de inauguração. Logo após a inauguração, um grande contingente de operários transferiu-se para as obras do açude de Coremas, que a partir deste momento se tornou uma prioridade do Governo Federal.



O evento de inauguração do açude São Gonçalo (Fonte: Gov.br)

16 de fevereiro e 7 de abril

Dia do repórter e dia do jornalista, oportunidade para trabalhar a faceta jornalística de Ignez Mariz, que já em sua época conseguiu romper barreiras geográficas e colaborar para várias revistas e magazines de variedades no Brasil, escrevendo sobre sua terra e sobre geografias diferentes da sua, a ponto de ser citada como fonte histórica por diversos historiadores, de várias partes do país, sobre o passado de suas cidades.



Vídeo do TikTok baseado em texto de Ignez Mariz sobre a história de Vitória, do Espírito Santo (Fonte: <https://www.tiktok.com/@memoriacapixaba/video/7377743831699098886>)

8 de março

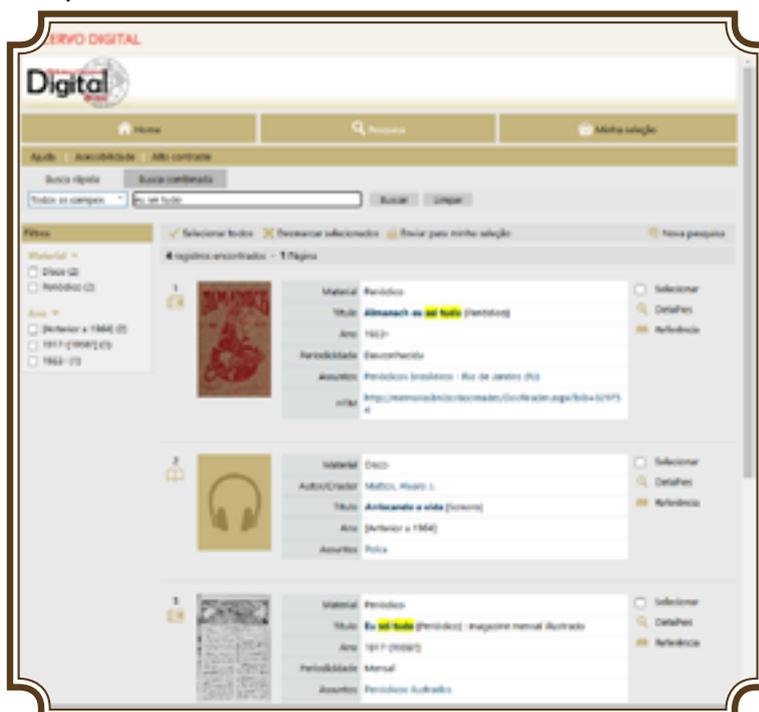
Dia Internacional da Mulher. Quer melhor forma de celebrar essa data com a primeira homenageada mulher da Flirede? Como mencionamos aqui, mulher, sertaneja, transgressora, Ignez Mariz se fez presente física e intelectualmente em uma época em que ser mulher, atuante na sociedade, ocupando espaços tradicionalmente masculinos, era uma atitude política, fundamental para emancipação feminina no futuro. Vale destacar não apenas a nossa homenageada, mas mulheres como a também já citada Elizabeth Teixeira, em seu centenário, e seu papel nos eventos em torno das Ligas Camponesas.



Elizabeth Teixeira, cujo centenário é comemorado este ano (Fonte: Adufpb)

12 de março e 20 de outubro

Dia do bibliotecário e dia do arquivista. Uma ótima oportunidade para se comemorar pesquisando o acervo de Ignez Mariz no site da Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/>). Uma sugestão de busca: digitar o nome do periódico *Eu sei tudo* no campo de busca. A pesquisa vai resultar na seguinte janela:



Fonte: Biblioteca Nacional

Clicando-se nos periódicos, abrem-se outros campos de busca que podem ser preenchidos com o nome de Ignez Mariz, deparando-se com várias de suas colaborações para a revista, entre elas alguns dos textos que aqui reproduzimos.

27 de março

Nascimento do filho único de Ignez Mariz, Paulo Antônio Mariz Meira, que morreu em 1982, sem deixar herdeiros. O nome do filho era uma junção dos nomes dos avós de Ignez Mariz, Paulo Meira de Vasconcelos e Dr. Antonio Marques da Silva Meira.



Paulo Antonio Mariz Meira, que aparece com a mãe na foto de orelha da segunda edição de A barragem (Fonte: EHRICH, 2022)

24 de abril

Dia Mundial do livro e do direito do autor. Data instituída há 30 anos, em 1995, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), uma espécie de prévia para o Dia Nacional do Livro (29 de outubro), quando ocorrerá a culminância da Flirede em Sousa, cidade natal da nossa autora homenageada, cumprindo nossa tradição recente de celebrar a memória dos nossos autores e autoras no seu domicílio histórico.

25 de julho

Dia do escritor. E aqui incluímos: dia da escritora. Que tal aproveitarmos para falar, além de Ignez Mariz, de escritoras contemporâneas dela, como Rachel de Queiroz e Cecília Meireles? Ou falar de escritoras contemporâneas e paraibanas, como Maria Valéria Rezende, Marília Arnaud, Isabor Quintiere, Débora Gil Pantaleão, Débora Ferraz?



A escritora cearense Rachel Queiroz (Fonte: Wikipedia)

8 de outubro

Dia do nordestino. Dia de celebrar nossa identidade cultural e simbólica, como um povo que, mesmo diante das adversidades, colaborou para o desenvolvimento urbano e o crescimento econômico da nação, dentro e fora de nossa região. Pensar no retrato que as obras literárias fizeram do nordestino na época de Ignez Mariz, e como infelizmente sua leitura enviesada acabou fomentando preconceitos incorrespondentes à nossa realidade. É a hora de questionar tabus e quebrar paradigmas que se firmaram numa época em que ainda não tínhamos noção da necessidade de nossa autoafirmação, contornando narrativas que nos eram tomadas, nos colocando à margem da representação do brasileiro, nos vinculando a estereótipos e padrões irreais.

11 de dezembro

Dia do engenheiro civil. Mais uma chance de falar sobre a construção da barragem do açude São Gonçalo, focando no profissional presente da fase inicial dos projetos de construção civil até a finalização dos projetos. Ignez Mariz tornou alguns desses profissionais personagens de seu livro, atraindo a atenção dos trabalhadores da obra com suas pranchetas e a adulação dos demais profissionais envolvidos no processo de edificação. Uma maneira de abordar os estudantes é falando sobre o projeto de vida de cada um, se algum deles conhece a profissão, tem algum parente ou amigo na área, se tem a ambição de um dia vir a se tornar um engenheiro.

26 de dezembro

Data do nascimento de Maria Ignez Marques Mariz, em Souza, no dia seguinte ao Natal, filha de Antônio Marques da Silva Mariz e Maria Emiliana Marques Mariz, casal de uma influente família envolvida com a política. Como lemos no texto sobre a sua cidade, Ignez Mariz tinha gran-

de admiração pelo pai: médico e político responsável pelo desenvolvimento local com a ideia da construção da barragem São Gonçalo, futuramente tema do seu primeiro e único romance.



A pequena Ignez Mariz (Fonte: Familysearch)

OUTRAS DICAS



- Em 2025, a Flirede vai incluir em seus concursos literários uma competição de clubes de leitura e escrita criativa nos espaços das bibliotecas, orientados pelos profissionais readaptados. A estes, cabe estimular os estudantes a criar clubes de leitura, escrita e rodas de slam, ocupando os espaços destinados às bibliotecas que não devem ser encarados mais como meros depósitos de livro, mas um lugar vivo e pulsante, convidativo. Os estudantes podem se reunir fora dos horários de aula nas bibliotecas, tornando-as também núcleos de socialização e de produção de sentido, para além da fonte de leitura e pesquisa (papel que já lhe é geralmente consagrado). Precisamos, cada vez mais, desmistificar a ideia de que “biblioteca é um lugar de silêncio”. As leituras, os temas dos textos e os motes para as apresentações de slam podem ser votadas internamente, entre os integrantes dos clubes, e os profissionais readaptados podem eleger estudantes com perfil de liderança para moderar e mediar cada clube;

- Criar uma Academia das Letras na sala de aula, tendo Ignez Mariz como fundadora e várias patronas (o próprio conceito de “patrona”, vinculado ao prefixo -patro, ligado ao universo masculino, pode ser discutido). Cada patrona, escritora de destaque no município, no estado ou mesmo no cenário nacional, detém uma cadeira que será ocupada exclusivamente por uma estudante, que fará um discurso em homenagem a essa patrona, exaltando suas obras e seus feitos. As Academias podem promover chás literários e reunir-se também na biblioteca, elaborando regimentos e estatutos, sistematizando eleições e eventos independentes;

- Organizar uma oficina de escrita criativa motivada pela leitura da obra de Ignez Mariz, abordando assuntos presentes em sua obra, como as relações trabalhistas e o choque de cultura ainda existente entre as cidades do interior e as capitais, se aproximando d’*A barragem* através das experiências pessoais de cada estudante, estimulando a originalidade e a criatividade dos textos, com os toques particulares e subjetivos de cada estudante;

- Montar círculos de debate em torno de fatos históricos envolvendo Ignez Mariz que estão sendo analisados atualmente sob uma nova ótica, como o feminismo, a educação sexual nas escolas e a crescente participação das mulheres no cânone literário, renovando a literatura com suas experiências, marcadas inclusive por assuntos como o machismo, a misoginia, a violência de gênero, mas não apenas isso: suas idiossincrasias que independem da condição feminina. Lembrem-se que a um homem nunca se pergunta como é escrever sendo homem, enquanto para a mulher essa pergunta é sempre feita, em eventos e festivais literários. É necessário reforçar uma concepção de que a escrita de autoria feminina pode, mas não obrigatoriamente precisa advogar pelo feminino;

- Fomentar o diálogo entre a literatura de Ignez Mariz e outras artes, montando por exemplo uma história em quadrinhos ou um espetáculo teatral (de fantoches e bonecos ou com atores, encenando) sobre a vida e obra da escritora, desde seu nascimento em Sousa até sua morte no Rio de Janeiro, com sua obra não tendo o devido reconhecimento e demorando séculos para ser valorizada. Outra ideia que pode atrair os estudantes, tornando essas propostas ainda mais interessantes, é registrar os momentos em fotografia ou em vídeo, montando uma exposição ou curtas-metragens das ações.

ARTES QUE DIALOGAM COM A LITERATURA DE IGNEZ MARIZ

Artes plásticas



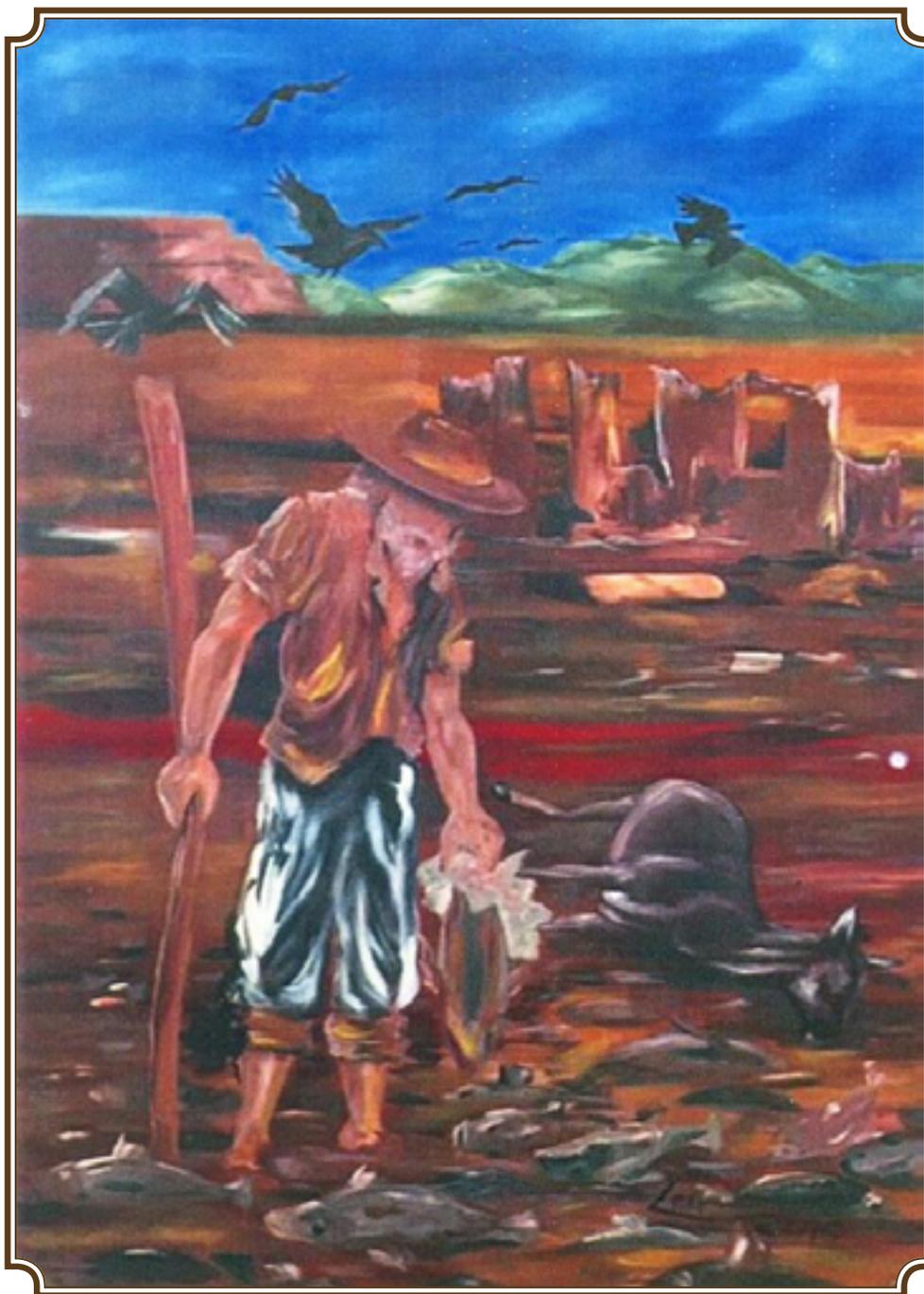
Caricatura de Ignez Mariz feita pelo artista Tônio (Fonte: jornal A União)

Em matéria publicada na seção “Quem foi?”, do jornal A União, editada por Audaci Junior e assinada por Marcos Carvalho, o artista gráfico Tônio publicou uma caricatura de Ignez Mariz ilustrando a manchete “Paraibana à frente do seu tempo que deu a vida pelo jornalismo investigativo”. A imagem se inspira numa das poucas fotos conhecidas de Ignez Mariz, já reproduzida aqui, com seu vestido e suas luvas, elementos característicos que podem ser explorados nas ilustrações dos estudantes da Fliredinha.



Retirantes, C. Portinari, 1944. Acervo MASP

A obra *Retirantes* (1944), de Candido Portinari (1903-1962) retrata a imigração dos nordestinos, buscando melhores condições de vida em metrópoles como São Paulo. Embora a imigração para outros estados não seja exatamente um tema de *A barragem*, nela Ignez Mariz retrata as migrações internas no nordeste, dos trabalhadores que se deslocavam para onde quer que houvesse uma grande obra do Governo Federal (muito comuns nos anos de 1930, quando o ministro José Américo de Almeida era ministro de Viação e Obras Públicas do primeiro governo de Getúlio Vargas, que durou de 1930 a 1945. Em determinado trecho, Zé Mariano chega inclusive a criticar os cearenses, que chegam às obras concorrendo com os paraibanos aos postos que, em sua visão, devia ser dos moradores locais, num certo tom de xenofobia que pode inclusive ser discutido agora que, em decorrência da superpopulação das grandes cidades, sulistas e sudestinos estão invertendo o fluxo migratório e vindo viver no Nordeste, em busca de melhor qualidade de vida.



Obra da artista Leir Barbosa Monteiro sobre a tragédia do rompimento da barragem de Mariana (em Minas Gerais)

Na exposição A tragédia de Mariana, ocorrida em dezembro de 2017, a artista Leir Barbosa apresentou sua obra em técnica de óleo sobre tela e o baixo vidro (desenho feito sobre cerâmica) para lembrar da catástrofe socioambiental que assolou a cidade de Minas Gerais no dia 5 de novembro de 2015, quando a barragem de Fundão se rompeu causando 19 mortes e 3 desaparecimentos, afetando 49 municípios de Minas Gerais e Espírito Santo. A relação do quadro com *A barragem* pode partir da ideia de que, como cidadãos, é nosso dever fiscalizar e cobrar das entidades públicas a manutenção de suas obras, sobretudo aquelas que atingem grandes populações. Cobrança que também deve ser feita pela justiça as vítimas de tragédias similares, inclusive a que aconteceu na Paraíba e que já comentamos, fazendo alusão ao romance do autor Marcel Vieira.



Painel feito pelo artista Mundano, em São Paulo, com lama colhida em Brumadinho (também em Minas Gerais)

Em 2020, o artista urbano Mundano, de 34 anos, resolveu homenagear as 270 pessoas mortas e as 11 pessoas desaparecidas, na tragédia de Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019. Para isso, usou a lama colhida no local da tragédia, e concebeu um painel que dialoga com outra obra famosa da iconografia brasileira, *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral (1886-1973), mais conhecida pela obra *Abaporu* (1928). A pintura da artista paulista, com a de Portinari (a seu modo, num outro registro) também tematiza a imigração, atendendo à demanda da industrialização de São Paulo, ressaltando a diversidade étnica dos trabalhadores das fábricas, o que pode ser relacionado aos trabalhadores que são personagens de *A barragem*, provenientes de várias origens e classes sociais.



Operários (1933), de Tarsila do Amaral. Fonte: Wikipedia

Música



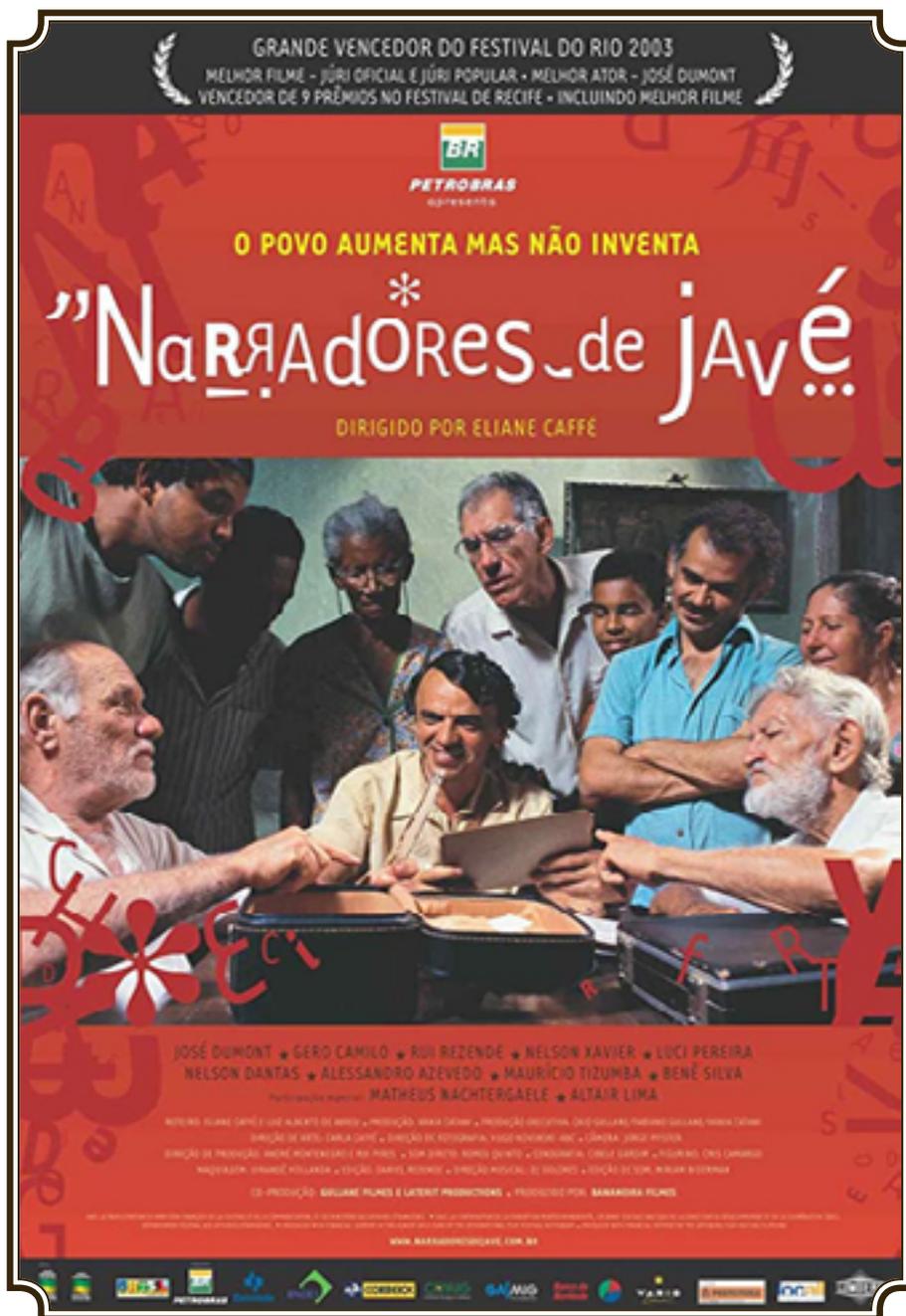
“Planeta água” (1978), de Guilherme Arantes

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população
Águas que caem das pedras
No véu das cascatas, ronco de trovão
E depois dormem tranquilas
No leito dos lagos (no leito dos lagos)
No leito dos lagos
Água dos igarapés
Onde Iara, a mãe d'água, é misteriosa canção
Água que o sol evapora
Pro céu vai embora, virar nuvens de algodão
Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris, sobre a plantação
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na inundação
Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão

E sempre voltam humildes pro fundo da terra
Pro fundo da terra
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população
Águas que movem moinhos
São as mesmas águas que encharcam o chão
E sempre voltam humildes pro fundo da terra
Pro fundo da terra
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

(Ouça a canção neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=oPwnAq2xMUg>)

Audiovisual



Os narradores de Javé (Brasil, 2004). Dir.: Eliane Caffé

No longa-metragem *Os narradores de Javé* (2004), a população de uma pequena comunidade estão aflitos com a iminência da construção de uma represa que vai deixar a cidade onde moram submersa. Por não disporem de documentos que comprovem a posse das terras, os moradores sequer são notificados oficialmente a respeito da obra. Ao saberem que o local pode ser salvo se possuírem um relato comprovando um patrimônio histórico do lugar, decidem então escrever sobre o passado de Javé, procurando o único morador que sabe escrever e terá a função de comprovar os testemunhos de seus conterrâneos.

Teatro e dança

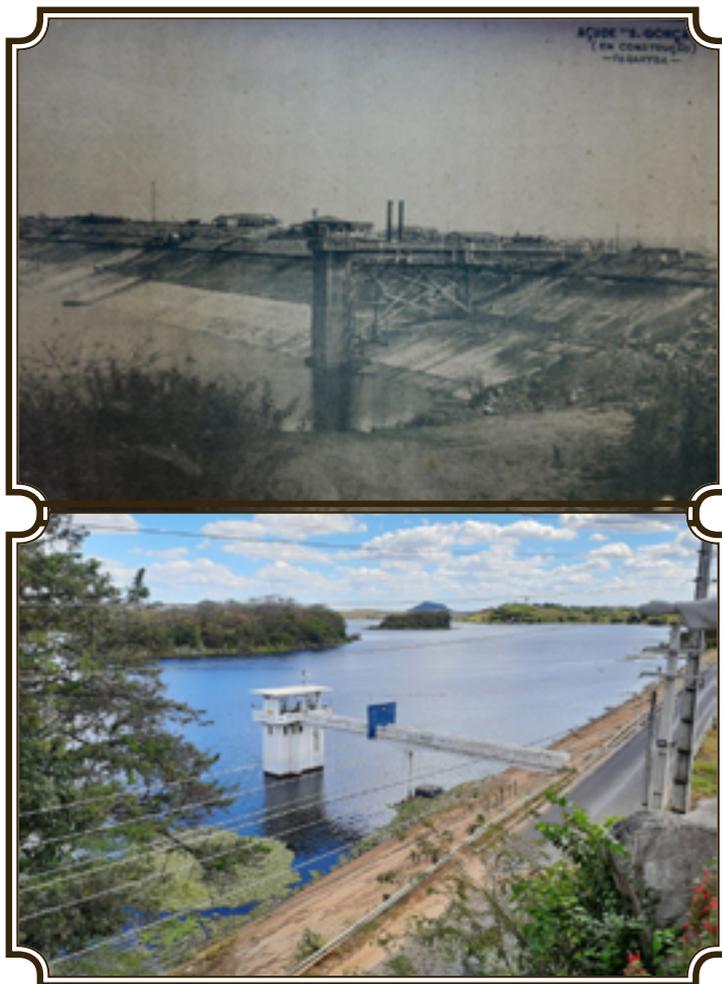


Espectáculo Start (2019). Fonte: <https://doity.com.br/start-1>

Disponível na íntegra no YouTube (<https://youtu.be/wr9E5zeEjdo?si=gtK2qe4ArBb0lFqH>), o espetáculo Start (2019) do Estúdio de Dança Movimento, tem em um de seus atos (“A lama, manipulação, corrupção na alma e no mundo...”), uma performance livremente inspirada no rompimento de barragens no Brasil. Apesar de optarem por não utilizar, nos figurinos ou cenários, imagens ou notícias reais, a dramaturgia e a coreografia são testemunhos contundentes sobre o drama vivido por brasileiros em várias regiões do país. O espetáculo pode inclusive servir de modelo para uma de nossas dicas: encenar um espetáculo teatral com temas que de certa forma atravessam a obra de Ignez Mariz.

LOCAIS INDICADOS PARA VISITA

- Açude São Gonçalo (Sousa/PB, 58.817-000)



O açude São Gonçalo, tema do livro A barragem: ontem e hoje (Fontes: Gov.br e Wikipedia)

- **Colégio Nossa Senhora das Neves**

(Praça Dom Ulrico, 56 - Centro, João Pessoa - PB, 58010-740)



*O Colégio Nossa Senhora das Neves, onde Ignez Mariz se formou: ontem e hoje
(Fonte: turismoemfoco.com.br)*

- **Colégio São José**

(Av. Mal. Deodoro da Fonseca, 200 - Torre, João Pessoa - PB, 58013-476)



O colégio São José (Fonte: Wikipedia)

- **Centro Histórico Cultural Professora Dodora**

(R. Pres. João Pessoa, 39 - Centro, Sousa - PB, 58800-010)



O recém-inaugurado Centro Histórico Cultural Professora Dodora, que funciona no antigo Colégio Cônego José Viana (Colégio Comercial), em Sousa (Fonte: Repórter PB)

REFERÊNCIAS

ATHANÁZIO, Enéas. Uma regionalista esquecida. **Página 3**. Balneário Camboriú, 23 de agosto de 2021. Disponível em: <https://pagina3.com.br/colunistas/literatura/uma-regionalista-esquecida/>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

BARBALHO, George. A Barragem – Ignez Mariz – Romance regionalista dos anos 30. **Recando das Letras**, 03 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/8034751>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

CARVALHO, Marcos. Paraíba à frente do seu tempo que deu a vida ao jornalismo investigativo. **Jornal A União**. João Pessoa, 16 de julho de 2024. Disponível em: https://auniaio.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2024/junho/jornal-em-pdf-16-06-24-cdepc.pdf. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

CAMPOS JÚNIOR, José. A paraibana Ignez Mariz e seu lugar no contexto do romance de 30. **Correio das Artes**. João Pessoa, junho de 2023. Disponível em: <https://auniaio.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2023/correio-junho-2023.pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2024.

_____. Biopoder, gênero e literatura: o lugar da paraibana Ignez Mariz no regionalismo de 30. **Sociopoética**. Campina Grande, n. 23, v. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/download/406/584/2970>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

DA SILVA, M. M. Flores do sertão: mulheres e representação social em A Barragem, de Ignez Mariz. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. p. 88 – 108, 2018. DOI: 10.21680/1983-2435.2018v3n2ID15528. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/15528>. Acesso em: 13 dez. 2024.

EHRICH, Isaías de Oliveira. **Entre os apitos da casa-de-força**, A Barragem: da análise textual à sala de aula. 284f. 2009. (Dissertação de Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2009. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2566>

_____. **Sertanejas**: a representação social da mulher a partir de personagens femininas do sertão paraibano na aurora do século 20. Tese de doutorado, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2022. Disponível em: https://www.uern.br/controldepaginas/tesesDefendidasem2022/arquivos/6992isaias_tese_sem_assinaturas.pdf. Acesso em 13 de dezembro de 2024.

FERREIRA, Simone Dos Santos Alves. **Problematizações acerca das noções de gênero e sexualidade na década de 1930 a partir do romance a barragem de ignez mariz**. CONEDU - Gênero, Sexualidade e Educação (Vol. 02)... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/105941>>. Acesso em: 13/12/2024 13:05

LIMA, Vitória. Ignez Mariz e a sua obra *A barragem*. **Jornal A União**. João Pessoa, 30 de agosto de 2023. p. 10. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/2023/agosto/jornal-em-pdf-30-08-23-cdepc.pdf . Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

MARIZ, Ignez. **A barragem**. Editora A União, 1994.

PEREIRA, Analice. A voz silenciada de Ignez Mariz. **Correio das Artes**. João Pessoa, maio de 2020, ano LXXI, n. 3. p. 27 a 29. Disponível em: [https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2020/correio-das-artes-maio-de-2020/@@download/file/Correio%20maio%20final%20\(1\).pdf](https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2020/correio-das-artes-maio-de-2020/@@download/file/Correio%20maio%20final%20(1).pdf) . Acesso em 12 de dez. 2024.

_____. Ignez Mariz: uma barragem no regionalismo de 30. **Paraíba na literatura**, vol. 2. João Pessoa, Editora A União, 2020.

FLirede

FESTA LITERÁRIA DA REDE ESTADUAL



GOVERNO DA PARAÍBA

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO